



A tapeçaria das irmãs Franciscanas Missionárias de Maria é uma das atrações da centenária Planaltina — os diplomas são bons clientes

# O que há de bom na vida que fica fora dos Eixos

Frequentadoras das manchetes dos jornais por conta das desgraças, as satélites escondem prazeres que o rico Plano Piloto não oferece

Conceição Freitas

Um certo aventureiro cometeu a heresia de dar as costas a um dos ícones da arquitetura moderna mundial e decidiu desbravar as bordas da monumental Brasília. Deliberou desprezar o Plano Piloto, onde moram o poder e estimados 400 mil habitantes, para voltar os olhos às cidades-satélites, à poeira e a 1,3 milhão de moradores da periferia. Encontrou miséria, como em qualquer desses cantos do País, mas recusou esse desgastado roteiro e, munido de teimosia, quis um percurso alternativo para mostrar aos pessimistas que a morbidez é vício e que prazer, aconchego e alegria podem estar em qualquer lugar. Encontrou feijão com jabá, feiras multicoloridas, boates luxuosas, cenas de uma praça de província, preços mais baratos e samba.

Uma praça rodeada de construções antigas, algumas do século passado, onde pode-se ser provinciano e aguardar mais de uma hora para que por ela trafegue um carro. Planaltina, cidade com 131 anos e 56 mil habitantes (de acordo com estimativa da Codeplan para 1988) padece de abandono, o que não é nenhuma novidade. Quem lá nasceu e mora garante que as outras satélites têm preferência nas reivindicações ao Governo do Distrito Federal. É possível, ainda assim, que a velha Planaltina, antiga *Mestre D'Armas*, tenha a vida cultural mais agitada dentre as satélites.

A Via Sacra é o cartão postal mais evidenciado, por causa dos mais de 150 mil fiéis que vão acompanhar o sofrimento de Cristo rumo ao sacrifício, em interpretação ao vivo, durante a Páscoa. As construções históricas, a tapeçaria das irmãs Franciscanas Missionárias de Maria — preferida pelas embaixadas — o retorno à pré-história de Brasília, em lugares que mais tarde ajudariam a compor o Distrito Federal são faces desconhecidas de boa parte dos que moram na capital do País.

**Fama** — Araras vermelhas e azuis, borboletas multicoloridas, tucanos e folhagens tropicais alegrem as tapeçarias de Planaltina, feita por tapeceiras da comunidade, sob a coordenação das irmãs Franciscanas. Quando um carro com placa de fundo azul atravessa Planaltina rumo à praça principal é certo

que seu destino é a casa das irmãs. "Temos nossa tapeçaria em muitas embaixadas", conta a irmã Ana Maria. Os motivos brasileiros seduzem os diplomatas e dão fama ao trabalho das tapeceiras. As folias, procissões, danças e arraiais dão vazão à religiosidade popular tão nítida em Planaltina. A diretora de Desporto, Lazer e Turismo da satélite, Maria Gracilda Peres, coleciona fotos e mais fotos das promoções que movimentam a cidade o ano inteiro.

Há quem prefira começar por uma pinga, e o cearense Raimundo José Vasconcelos tem uma e da boa — a Rainha, retrada dos alambiques de Barreiras, na Paraíba. Depois da cachaça, o restaurante de seu Raimundo, no Mercado do Núcleo Bandeirante, oferece um feijão com jabá, uma buxada, ou um sarapatel, ou quem sabe carne de cabrito. O cardápio está escrito em giz, no quadro-negro desenhado na parede. As mesas e cadeiras toscas, os pratos sobre o tempo não são empecilhos para empertigados funcionários públicos, nordestinos saudosos e vez ou outra senadores e deputados. As sextas e sábados eles disputam um lugar no restaurante do seu Raimundo para saborear um pouco do Nordeste.

É em Taguatinga que aquele morador do Plano Piloto preso às asas e ao corpo do avião arregala de vez os olhos. Os ufanistas garantem que é a melhor noite de todo o Distrito Federal e não há muito exagero nisso. Boates requintadas, bares para todos os gostos, músicas para ouvidos rurais, populares e intimistas orgulham Taguatinga. Agrupadas lado a lado, em apenas duas regiões da satélite, as casas noturnas têm a cada dia atraído mais os xenófagos moradores do Plano Piloto.

A maior cidade-satélite do Distrito Federal tem outros motivos de orgulho. A Avenida Comercial é a maior concentração de lojas numa só pista em todo o quadrilátero. A zona comercial da cidade reúne três mil e 500 lojas, dentre elas o considerável segmento moveleiro que apregoa preços e qualidade melhores que os do Plano Piloto. O presidente da Acit (Associação Comercial e Industrial de Taguatinga), Francisco Sávio, diz que o setor é responsável pelo maior número de anúncios na mídia.

**Feira do Rolo** — Para conferir a qualidade das feiras em pelo menos duas cidades-satélites, Ceilândia e Guarã, basta o testemunho da batata. Se o quilo deste tubérculo varia de Cr\$ 100 a Cr\$ 140 em vários supermercados no Plano Piloto e adjacências, na Feira da Ceilândia, por exemplo, ele pode ser encontrado a Cr\$ 80. Essas duas feiras nada deixam a dever em di-

versidade de opções e preços a qualquer comércio do centro de Brasília.

É no domingo que a Ceilândia assume com alvoroço e alegria seu caráter genuinamente nordestino. No centro da satélite, a multidão entope a feira coberta para ouvir vendedores apregoarem malhas a Cr\$ 150 a unidade, para às dez da manhã saciar-se com um prato de sarapatel ou de mocotó, em painéis vistosos e convidativos expostos bem aos olhos dos fregueses. Rapadura, linguça, carne seca, manteiga do sertão, tapioca, farinha de fubá fazem a ponte do retirante à sua origem. Uma feira que não conta do roteiro turístico do Detur mas que não se distancia muito das mais famosas feiras do Nordeste.

Do outro lado da rua, outra feira, bem menor e mais discreta, fixa ainda mais a peculiaridade do nordestino. As pessoas se comprimem num velho parque de diversões, sobre carrinhos e carroséis desmontados e enferrujados, para vender e trocar. Não há regras nesse jogo mas é preciso manha para jogar bem, não sair perdendo e correr em caso de perigo. Peças de carro, bicicleta e fogão, enceradeiras, liquidificadores, aparelhos de som e de televisão, rádios, telefones, roupas usadas, sapatos de plataforma, canos, fios elétricos, plugs, torneiras, pias, tudo é vendido ou trocado na Feira do Rolo.

Mesas de bicho, de jogo do bicho e de jogos de cassino funcionam sob o sol, a cem metros de carros da Rocan. Alguns vendem objetos de origem suspeita, outros vendem um bem pessoal para assegurar o almoço de domingo, a cervejinha da tarde, o remédio das crianças.

A administração Regional do Guarã calcula que 50 mil pessoas visitam a Feira da satélite aos sábados. A Feira conseguiu o reconhecimento do Distrito Federal e tem fama nos estados vizinhos. É um dos poucos percursos feitos por quem mora no Plano Piloto em direção às satélites. As roupas são o cartão de visitas da feira mas se o visitante andar um pouco mais vai encontrar perus, patos, galos e galinhas d'angola em quantidade impressionante. A variedade de peixes e frutos do mar surpreende em uma cidade a mais de mil quilômetros da praia mais próxima. As barracas de temperos e pimenta convidam para fotos coloridas, dessas de reportagens de turismo. As donas-de-casa encontram apetrechos domésticos desaparecidos das grandes lojas — fumis, sacos de coar café, colheres de pau, amassadores de feijão.

**Brechó** — O Guarã assa a melhor carne de sol do Distrito Federal, diz quem conhece. No Bar do Brechó, na QI 22, no Guarã I, a carne é assada na



Brechó: a melhor carne de sol



Raimundo Vasconcelos e a pinga



A Comercial faz juz ao nome

## Quem procura acha aqui ... nas satélites

- **Planaltina**
  - construções históricas
  - ar de província
  - festas religiosas
  - tapeçaria
- **Núcleo Bandeirante**
  - comida nordestina
  - casas da época da construção de Brasília
- **Guarã**
  - Feira do Guarã
  - Melhor carne de sol do DF
- **Ceilândia**
  - Feira da Ceilândia
  - Feira do Rolo
- **Taguatinga**
  - Comércio
  - Boates
  - Bares
- **Sobradinho**
  - o clima
  - baixa criminalidade
  - alta infra-estrutura
- **Cruzeiro**
  - Aruc

brasa e vem acompanhada de manteiga do sertão feita em casa. O ex-caminhoneiro Belchior José da Costa começou a vender carne da sol há 11 anos. A freguesia do Brechó, que se acostumou a usar seu nome assim simplificado, vem até de Formosa e Goiânia para confirmar a especialidade do sabor. O Bar e Restaurante dos Amigos ganhou fama e os próprios fregueses preferiram trocar para Bar do Brechó, que Belchior teve de aceitar.

Antigo assentamento dos funcionários da Novacap, hoje refúgio da classe média expulsa do Plano Piloto, o Guarã tem um vizinho pobre porém ilustre e porta-estandarte do samba no cerrado. O Cruzeiro, assim chamado por ser sempre lembrado pela cruz fincada pelo desbravador Bernardo Sayão, tem a maior e mais premiada escola de samba do Distrito Federal. A Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro — Aruc — tem um pé na avenida e outro nas quadras de esporte. O pagode corre solto nas quadras, e nela já se apresentaram grandes nomes do samba brasileiro.

Os saudosos do samba carioca não têm do que reclamar. São apenas dez quilômetros separando a Rodoviária do Plano Piloto da Aruc. Próxima de seus 29 anos, a escola tem times de futebol de salão e handebol campeões e guarda na história os bons tempos do projeto Canta Gavião, por onde passaram as melhores bandas do rock brasileiro, desativado por falta de ajuda oficial. Nos seus 38 mil metros quadrados, a sede da Aruc reúne os moradores do Cruzeiro e atrai todos os que, mesmo no Planalto Central, não se desencilharam do molejo do samba.

As satélites da cidade mais moderna do mundo vão, assim, mostrando que têm luz própria. Uma delas teve o nome inspirado na façanha de um dos arquitetos mais perfeitos e primitivos do mundo, o joão-de-barro. Conta a lenda que os esporádicos moradores da redondeza se encantavam com duas casas, uma sobre a outra, que o joão-de-barro ergueu como se fosse uma construção de dois andares, um sobradinho. A fazenda que ali se instalou recebeu esse nome até virar cidade-satélite da nova capital. Essa Sobradinho de outrora mantém o encanto no clima próprio de cidade serrana, verde em quantidade e nas condições adequadas de saneamento básico e baixo índice de criminalidade.

São dados exemplares, dificilmente alcançados pela maioria das cidades brasileiras. O saneamento básico chega a quase totalidade dos 104 mil habitantes, à exceção dos 7,4 mil moradores do assentamento e 9,6 mil da zona rural. Há, em sobradinho, esgotos que atendem a 96 por cento das casas, água potável para 97 por cento, asfalto em 92 por cento das ruas e iluminação em 90 por cento, de acordo com dados da Administração Regional. O delegado-adjunto da 13ª DP, Sebastião Antônio Siqueira, após dez anos na função, diz que morar em Sobradinho "é um privilégio". O número e a gravidade das ocorrências são os menores em todo o Distrito Federal.

Ao retornar da heresia cometida, o aventureiro pôde perceber que há algo mais na capital do País do que uma bela e arrojada cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Há pequenos patrimônios fundados pelos próprios moradores numa história que se faz com ou sem o braço oficial.